

# FLÁVIO CARDIM, 52 ANOS DE CULTIVO DE ORQUÍDEAS

DELFINA DE ARAÚJO (\*)

**F**lávio Cardim é, hoje, considerado por muitos orquidófilos como um dos melhores cultivadores do país. A orquídea faz parte de sua vida desde a infância. Sua mais remota lembrança leva-o aos 6 anos de idade quando, aos domingos, ele ia com o pai, então encarregado do orquidário Binot, ver as orquídeas. Se ele gostava de brincar ou não, ele não se recorda mas se lembra de ter sempre gostado delas. Aos 12 anos, começou a trabalhar com o pai arrancando matinho dos vasos e, naquele momento, numa idade em que, normalmente, nem se percebe que as plantas existem, ele sentiu que era isto que que iria gostar de fazer na vida e ainda hoje é o que gosta e sabe fazer. São 52 anos cuidando de orquídeas, uma vida inteira de dedicação a elas. Ficou no Orquidário Binot por 44 anos, 22 sobre orientação de seu pai e depois, mais 22, dirigindo o orquidário. Há 8, está no Orquidário Quinta do Lago. Flávio nunca fez um curso sobre o cultivo de orquídea e tudo o que sabe foi aprendendo um pouquinho a cada dia, na vivência, ouvindo o que as pessoas falavam, no convívio diário com as orquídeas, procurando sentir o que era bom para elas, observando pois segundo ele, elas praticamente nos falam do que precisam. Para ele, observação é a chave do segredo do cultivo. Está com 65 anos, achando a vida ótima cultivando as orquídeas. Modesto, acha que ainda está aprendendo, que ainda tem muito que aprender e que fez alguma coisa por elas mas que elas teriam feito muito mais por ele. Seguramente ele fez muito por elas (vide o híbrido *Lc* Quinta do Lago, feito por ele).

Tantos anos de observação e convívio

diário fizeram com que ele adquirisse uma maneira toda sua de cultivar onde não faltam as pequenas soluções para os grandes problemas. A floração, sempre surpreendente, obtida tanto nas estufas para fins comerciais quanto na coleção particular da Quinta de Lago nos mostra que seu método é um sucesso. Pessoa extremamente afável, não hesita em dizer tudo o sabe deixando passar a impressão de que não só gosta muito de orquídeas como também gosta de transmitir seu conhecimento, fazendo com que as pessoas aprendam a gostar e a cultivá-las.

Para ele, luz e ventilação adequadas são fundamentais mas considera também importantes a adubação, o cuidado sanitário e a rega. Fiel às suas afirmativas, ao construir as estufas da Quinta Lago, sua preocupação maior foi obter o máximo possível de luminosidade e não permitiu que fosse usado um tijolo sequer, fazendo-as totalmente abertas para proporcionar assim um ambiente onde a ventilação é constante.

Quanto à adubação, há 32 anos usa



Foto: Delfina de Araújo



somente torta de mamona bem fininha, sem mistura nenhuma. Ela é aplicada de 3 em 3 meses com exceção do período mais frio. A quantidade varia de acordo com o tamanho do vaso, nos grandes, utiliza-se uma colher de sopa rasa, uma colher de sobremesa para os vasos médios e, uma colher de chá para os vasos pequenos. Deve ser muito bem espalhada sobre o substrato, regando-se em seguida, normalmente, para possa aderir ao xaxim pois é ela um pouco seca. Não concorda que a torta de mamona possa queimar as raízes, ele vem usando este tempo todo sem jamais ter visto uma raiz queimada. Ela é usada tanto nas estufas de Petrópolis (clima frio) quanto nas estufas de Maricá (clima quente) ou mesmo no Rio de Janeiro, onde já prestou assistência a coleções particulares. É utilizada também, sem problema nenhum, em orquídeas de raízes muitas finas tipo *Miltonia*, *Dendrobium*, *Oncidium* ou até mesmo nas placas. Nas placas, o procedimento é um pouco diferente para impedir que a mamona escorra totalmente na primeira rega após a adubação. Primeiro, é necessário mergulhá-las num balde com água para umedecê-las, em seguida, a mamona é colocada, deixando as placas durante meia hora na posição horizontal para que o produto se fixe e só então elas são dependuradas novamente. Ele calcula que se perca de 10 a 15% do produto na rega. Um pequeno segredo, até nas Vandas mesmo quando plantadas em cachepot, pode-se utilizar a torta de mamona bastando que se coloque uns pedaços de xaxim como substrato. Vai proporcionar um enraizamento extraordinário. Ele explica que a torta de mamona, rica em nitrogênio, vai compensar o efeito da luminosidade intensa já que as plantas devem receber o máximo de luminosidade que elas possam suportar, impedindo-as de ficarem amareladas, fazendo-as ficarem bonitas, verdinhas. Para ele, o esterco de galinha (depois de devidamente preparado, curtido), também rico em nitrogênio faz o



Foto: Delfina de Araújo

Planta a ser reenvasada, mostrando o raizame antes da tosa

mesmo efeito só que a mamona é muito mais prática de ser utilizada. Esta adubação influencia no aspecto vegetativo da planta, tornando-a mais forte mas, na sua opinião, não há adubo que dê jeito na floração senão houver a luminosidade necessária. Ele obtém uma belíssima floração sem nunca ter usado fósforo mas não condena quem usa, só que ele acredita que pode-se dar o quanto quiser de fósforo mas se não houver a luminosidade adequada, a orquídea não vai florir bem. Se ela tiver luz e não tiver o fósforo, ela vai florir assim mesmo. Ele ainda diz que talvez possa conseguir-se uma floração mais prolongada e vigorosa com o uso do fósforo mas ele não sabe pois nunca o utilizou. Ele conseguiu floração de *Cymbidium* de 1 ano e meio, num vasinho muito pequeno (tanto é que um fica dentro de um outro um pouco maior para manter o equilíbrio) sem uma gota de fósforo, só com muita luminosidade e torta de mamona.

Ele também falou da importância da rega e porquê ela deve ser feita manualmente. Nesta época do ano, em Petrópolis (período mais frio), as orquídeas são regadas apenas duas vezes por semana pois a umidade proporcionada é suficiente para agüentarem este tempo todo sem nova rega. Se a rega fosse automática, todos os vasos, não importando o tamanho, seriam molhados na mesma intensidade e ao mesmo tempo já que numa mesma estufa tem-se vasilhos, que secam muito rápido e tem-se



vasos grandes que levam mais tempo para secar. Manualmente, pode-se fazer este controle e quando for regar os pequenos, colocar mais água neles, dobrando ou até triplicando a dose. Do contrário, no dia seguinte à rega, os vasos pequenos estão secos e os grandes ainda molhados e, se a estufa for regada novamente, vai-se regar o que precisa e o que não precisa. Ele nos sugere duas saídas: ou se faz uma rega manual ou então uniformizam-se as estufas para poder fazer uma rega automática, vasos pequenos em uma e grandes em outra. Ele vê um problema sério quando a pessoa que cuida das orquídeas não tem noção da quantidade de água necessária. Quando são instruídas a molharem mais porque as orquídeas estão muito secas, tendem a molhar demais e praticamente as afogam. Pede-se para diminuir e as plantas ficam desidratadas porque a redução foi drástica. A instrução é severa, não se pode pecar nem pelo excesso ou pela falta de água. É preciso fazer uma rega também diferenciada quando tiverem, num mesmo ambiente de cultivo, orquídeas plantadas de uma maneira tradicional (com xaxim) e outras espécies plantadas de uma maneira completamente diferente, sem substrato nenhum como é o caso de *Vanda*. Mesmo nos períodos mais frios, as *Vandas*, simplesmente amarradas no cachepots de madeira, devem ser regadas, no mínimo, uma vez por dia. Regá-las da mesma maneira que as outras plantas (2 vezes por semana), pode provocar a sua fatal desidratação. Sendo possível regar a *Vanda* diversas vezes ao dia, sobretudo no verão, ela pode ficar num cachepot de madeira sem substrato nenhum. Colocar cubos de xaxim, além de permitir o uso da mamona, ajuda a manter a umidade. Para ele, colocar um pratinho com água, dependurado debaixo do cachepot, para manter a umidade, não é suficiente pois a planta é ser vivo e se ela está com sede, tem que beber. O que foi dito sobre vasos pequenos e grandes, é

também válido para placas e pedaços de xaxim. Uma placa grande mesmo no verão, pode ser regada a cada 3 dias, as pequenas precisam de mais frequência. Novamente a importância da observação. A qualidade da água não é considerada por ele como um problema muito grave pois durante 20 anos cuidou de uma coleção que começou com 50 plantas e acabou com 3.500 e que era regada com uma água que vinha branca de tanto cloro e as plantas eram lindas, floresciam que era uma maravilha. Por isto ele tem condições de dizer que é perfeitamente possível tratá-las com água clorada mas se tiver escolha, vai escolher, com certeza, a natural como é o caso da Quinta do Lago.

Como substrato, ele só utiliza o



*Cimbydium* florindo aos 3 anos

Foto: Delfina de Araújo

xaxim e não abre mão disto.

Ele faz, como todo mundo, uma poda geral das raízes na hora do reenvasamento e considera que ninguém precisa ter medo de quebrar uma raiz quando for transplantar pois o poder de regeneração da orquídea é incrível. Seria um desperdício quebrar o vaso para retirar a planta já que fatalmente as raízes vão ser cortadas para acomodá-las no novo substrato e se elas se quebrarem simplesmente, a brotação será mais demorada. Deve deixar-se as raízes velhas com 4, 5 cm, no máximo, ou talvez nem tanto mas as novas que tenham condições



de entrar no xaxim sem quebrar, devem ser deixadas intactas. Quando for transplantar, é necessário deixar espaço suficiente para um crescimento de mais três anos. Se a planta tem dois segmentos e você tem poucas plantas da espécie ou não quer usar um vaso muito grande, você pode dividir e coloca um segmento em cada vaso. Senão, você pode manter tudo num vaso só e ao invés de vir uma haste só na próxima floração, virão duas ou mais. Dá uma dica que não se vê em manual nenhum: É



Foto: Delfina de Araújo

A planta mostrada na página 73 já replantada

preciso fazer uma poda de limpeza e ele nos mostra vasos cujas raízes foram quase todas podadas há 4 meses. É uma poda superficial onde todas as raízes velhas são podadas mas não tão drasticamente quanto na época do reenvasamento. As mais novas, as menores são mantidas. O resultado é extraordinário, a planta parece agradecer este cuidado. Ele nunca usou nenhum antisséptico para a cicatriz, nem nunca lavou nenhum vaso para reutilizá-lo e o estado sanitário de suas plantas é excepcional.

Sobre o cultivo do *Catasetum*, ele nos diz que tanto os cultiva em pedaços pequenos de xaxim quanto em vasos (da

mesma maneira que a *Cattleya*). Em Maricá, clima mais quente e mais apropriado ao seu cultivo, eles estão dependurados, com as raízes subindo em volta deles, sinal de que eles estão indo muito bem mas os que ficaram nos vasos também estão muito bonitos. Ele não vê diferença entre os resultados obtidos no cultivo de uma ou de outra maneira. Para ele, a grande dificuldade é a rega, deve ser reduzida drasticamente em relação à *Cattleya*, principalmente nos períodos mais frios quando deve ser superficial, molhando-se muito pouco.

Quando fez as estufas, ele já pensava num modo de aproveitar todo o espaço lateral para por mais orquídeas, para isto colocou-as em placas ou pequenos pedaços de xaxim para poderem ser de pendurados, deu muito certo.

Com relação às pequenas e micro orquídeas, ele ensina que primeiro precisa-se saber se são de lugar mais sombrio na natureza como *Pleurothallis* e *Isabelia*, neste caso, precisam um pouco mais de sombra. Se de lugar alto como alguns *Sophronitis*, principalmente *coccinea*, que dão lá no topo das árvores, deve proporcionar-se a elas um lugar mais claro. Se dá na parte mais baixa das árvores como o *Sophronitis mantiqueirae*, por exemplo, dá-se menos luz. As pequenas e micro-orquídeas vão muito bem em vasos pequenos ou pedacinhos de xaxim.

Considerando que um dos pontos principais é o cuidado com o estado sanitário de uma coleção, ele também discorreu sobre um grave problema do cultivo: pragas. As orquídeas são atacadas por tentecoris, pela mosca da *Cattleya* (*Eurytoma orchidearum*), que dá nos brotos, por fungos, por caramujo, lagarta, enfim uma enormidade de inimigos. Existem diversos tipos de fungo e eles se mostram nas folhas, surgem pontos escuros, manchas escuras, redondas. Tem também a ferrugem, muito esporádica mas que pode aparecer também. Considera que



o Benlate é o remédio mais eficaz de todos para eliminar este tipo de problema. Já utilizou outros produtos e não obteve a solução desejada. Embora já tenha lido e ouvido dizer que iria estragar ou atrofiar as orquídeas, ele o usa há 40 anos e nunca viu dar problema nenhum. Com relação a vírus, infelizmente, ele não tem novidade, planta infectada tem que ser incinerada. Ele ensina como reconhecer a infecção que é mais facilmente identificada na flor colorida pois ela começa a apresentar uma estrias brancas, descoloridas. Na orquídea branca é mais difícil de se ver pois é o contrário, aparecem umas manchinhas escuras, pontos pretos, necroses, como se fosse um fungo que estivesse atacando a flor. Embora seja mais difícil, pode reconhecer-se, também, na planta, pois ela vai ficando deformada, o broto novo começa a definhando, a folha fica meio atrofiada, meio áspera. Mas, a pesar disto, ela floresce normalmente. Vírus se transmite por contato através de faca, tesoura, ou, até mesmo, pela mão do cultivador se ele cortou uma flor, um pseudobulbo de uma planta com vírus e vai manipular uma outra que não tenha vírus. Sempre há a possibilidade de transmissão embora não se saiba a proporção.

Ele faz um alerta para o perigo de se adquirir uma planta atacada pela mosca, se você não percebe, em um ano terá todas as suas plantas contaminadas. Ou você corta estes brotos infestados e pulveriza uma, duas ou até três vezes com inseticida sistêmico para combater ou vai ter um problema muito sério. A multiplicação destes insetos é incrível, o ambiente fica rapidamente infestado. A mosca ataca, deposita ovos na base das gemas e as larvas vão minando a planta em sua auto defesa atacando sucessivamente todas as gemas, mesmo as dormentes. Esta infestação é mais facilmente percebida quando o broto tem 2 a 3 cm de comprimento. Atrofiado, não cresce normalmente, fica fininho em cima, muito grosso embaixo pois as larvas estão lá dentro. Não se pode começar a cortar tudo quanto é broto robusto porque pode ser que ele esteja robusto porque a planta está forte. É só pela prática que se aprende a diferenciar estas duas situações. Quando começam a aparecer os furinhos no pseudobulbo, é sinal de que a mosca já saiu e está infestando as outras plantas.

Texto baseado na entrevista concedida à home page Brazilian Orchids <http://delfina.simplenet>.

## Perguntas e Respostas

*P. Eu possuo uma Cattleya dormaniana plantada em vaso de barro e, como substrato, fibra de xaxim. Verifiquei que o broto deste ano nasceu enterrado, crescendo para dentro do xaxim. O mesmo aconteceu com uma Cattleya intermedia. Os bulbos dianteiros das duas estão retorcidos, com folhas deformadas, pois não puderam se abrir. O que pode ter acontecido, o que faço, sacrifico estes brotos?*

*Fernando Ramos  
Manhumirim, MG*

**R.** Provavelmente você esqueceu uma regra fundamental no cultivo de orquídeas, o rizoma não deve ser enterrado, nem coberto, mas deve repousar sobre a superfície do substrato. Tendo ficado encobertas as gemas novas começaram a desenvolver-se para baixo, buscando espaço para crescer e encontrar luz. A deformação vem de terem encontrado resistência ao seu desenvolvimento, certamente da parede do vaso.

Não há necessidade de sacrificar esses pseudobulbos, desde que estejam sadios (é comum, nessas circunstâncias, que eles apodreçam pelo excesso de umidade). Procure descobri-los totalmente, removendo o xaxim em volta deles. Não tente desenrugá-los pois há risco de quebra. Com uma etiqueta ou qualquer outro objeto chato, faça um plano inclinado até a borda mais próxima do vaso, de maneira a que o pseudobulbo deformado fique sobre uma das pontas do objeto plano, na parte mais baixa. Aos poucos o crescimento vai ser orientado para que o bulbo saia do vaso. Quando ele estiver maduro, você pode estaqueá-lo e ir forçando, com cuidado, a levantar-se. Atenção para que as gemas desse bulbo não fiquem de novo encobertas, repetindo, assim, a deformação... (Continua na página 87)